



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Desembargador Nelson Pinheiro Franco*

*12/08/2015*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Luís Soares de Mello Neto (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Des. Geraldo Pinheiro Franco (filho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador Nelson Pinheiro Franco, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

“Uma Corte como a nossa, não existe só por si materializada em seus alicerces físicos, suas paredes, janelas e pilares, mas sim e pela história que ela cria e eterniza, e aí os homens que a edificaram no sentido real e figurado do termo. Sem os homens, a história seria pedra dura. Não há história, em verdade, sem memória. Não há memória sem que se estabeleça e se a reverencie, assim como e principalmente, em nosso caso e aqui, pela forma postural solene e clássica que envolve a função judiciária, dos homens que a fizeram.”

O parágrafo acima traduz a importância do projeto Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante, criado pelo presidente José Renato Nalini para recordar e dignificar desembargadores, juizes e servidores que fizeram história no Judiciário paulista. O texto é do desembargador Luis Soares de Mello Neto, que recebeu a incumbência de falar, em nome do Tribunal de Justiça, sobre o desembargador Nelson Pinheiro Franco, homenageado em cerimônia realizada no Salão do Júri do Palácio da Justiça.

Senhor Desembargador Presidente Renato Nalini:

Por primeiro, uma palavra a Vossa Excelência, como já o fiz em homenagem anterior.

Que a merece, mais do que ninguém, nesse momento, ao raiar da solenidade, exatamente porque partiu de sua privilegiada cabeça, sempre e sempre recheada de boas soluções, a ideia de trazer à lume a série de homenagens aos homens que fizeram a história da Corte Bandeirante.

Uma Corte como a nossa, não existe só por si materializada em seus alicerces físicos, suas paredes, janelas e pilares, mas sim e pela história que ela cria e eterniza, e aí os homens que a edificaram no sentido real e figurado do termo.

Sem os homens, a história seria pedra dura. Não há história, em verdade sem memória.

Não há memória sem que se a estabeleça e se a reverencie, assim como e principalmente, em nosso caso e aqui, pela forma postural solene e clássica que envolve a função judiciária, dos homens que a fizeram.

Por isso, e aqui vai o cumprimento sincero e afetivo, é possível afiançar que em muito, mas em MUITO boa hora mesmo essa sequência de lembranças e homenagens que Vossa Excelência avivou durante sua gestão, e que se espera assim continue em próximas gestões.

Nenhuma instituição humana permanece, sem que haja lembranças e reverências a seus antepassados.

Sem passado, não há presente, daí que o presente deve sempre prestar homenagens ao passado, sem o qual nada haveria.

Parabéns pela iniciativa, então, Senhor Presidente e meu querido amigo **José Renato Nalini**.

4 de dezembro de 1916, Mogi da Cruzes

A jovem Júlia Pinheiro Fróis, descendente ilustre dos Faria Lemos, que iria gerar nada menos do que 16 filhos, coisa inimaginável nos dias de hoje, deu a luz agora à criança Nelson, menino com futuro brilhante e promissor, compartilhando com o marido querido, Galdino, dos tradicionais Pinheiro Franco, a



alegria daquele nascimento.

Essa criança predestinada, Nelson Pinheiro Franco, ali ainda um bebê mas que alcançaria futuramente o mais alto cargo do Judiciário, teve juventude tremendamente aproveitável, profícua e feliz, própria daquelas épocas, das brincadeiras ingênuas, das amizades sinceras e permanentes, sempre na companhia de amigos caríssimos e de seus próprios irmãos.

Já aí há lugar de destaque, porque foi marca permanente de Nelson, durante toda sua existência, o saudoso e grande companheiro Fernando, o irmão mais chegado e com quem até ali tinha maior afinidade, *habitué* das então constantes cavalgadas, comuns para a época e que os aproximava mais amiudemente.

Pois este mesmo irmão, então o mais chegado, Fernando, nas históricas batalhas de 1932 deu, heroicamente, nada menos do que sua própria vida, em nome do Estado, deixando enormes saudades e vazio d'alma dentre os seus, especialmente Nelson.

Dor profunda e lamento eterno.

Com tão pouca idade perdera Nelson sua referência fraterna de apego e companheirismo. Marcas indelévels.

Este vazio, no entanto, amenizado pelas memórias e companhia constante das sempre presentes e inesquecíveis “luzes de lampião”, dos “carros de boi” e “charretes”, dos “troles” e das “aranhas”, aos quais **Doutor Nelson** sempre se referia ao longo de sua vida, viria definitivamente preenchido pela mulher amada, **Maria Aparecida**, anos depois, afortunadamente, compactando de forma retumbante os pequenos vazios de alma que a vida vai criando.

Formado, Nelson ingressou em entidade pública do Estado de São Paulo, no Serviço Jurídico e Social, como advogado, em 1937, e ali permaneceu até 1945, quando tornou-se magistrado, sonho antigo e realizado.

Naquela situação, enquanto advogado do Estado, conheceu e trabalhava com **Carminha**, escrevente de proa e com dom de visão futurista, que o destino reserva a poucos, que acabou por apresentar ao jovem Nelson aquela que seria sua eterna companheira, **Maria Aparecida**.

Aí é capítulo a parte, donde já é possível destacar o que ela efetivamente representou.

Fala-se da querida **Dona Cida**, de todos aqueles que a conheceram durante sua feliz passagem pela Terra, distribuindo doçura, dedicação ao marido e aos filhos e muito amor e carinho, mesmo, para todos aqueles com quem ela se relacionava.

Entrelaçaram-se então, dizia eu, **Nelson e Maria Aparecida**, mulher bonita, charmosa, “partido” verdadeiramente ideal, e que viria a gerar filhos e constituir família daquelas em que a Providência reserva aos bons e predestinados, dedicados e determinados.

Evidentemente que Nelson, inteligentíssimo, como sempre, logo anteviu que aquela mulher lhe pertencia, e ela também assim e vice-versa, e agarrou-se ele ao que o destino lhe pusera às mãos, e tratou de amar sua mulher.

E assim se fez reciprocamente.

E sempre com imensa sabedoria. De lado a lado.

E da feliz união vieram, pela ordem, Luiz Fernando, hoje médico e Professor de renome, mundialmente conhecido, até; Antonio Celso, Desembargador aposentado, uma pessoa cujos sentimentos aflorados sempre revelam seu interior magnífico; José Roberto, também da área jurídica e competente advogado,



igualmente muito dedicado a todos que lhe solicitam, e Maria Aparecida, a irmã querida, única mulher da prole, já que a gêmea Maria Regina precocemente foi levada ao convívio dos céus.

Finalmente, e quando parecia que os Pinheiro Franco de Nelson e Cida já estavam completos, aparece como que do nada um *temporão*, o Geraldo, o nosso Desembargador de qualidades indiscutíveis e marcantes, o querido *Geraldinho*, hoje Presidente da Seção Criminal desta Egrégia Corte.

E foi mais ou menos com esse contexto de minha fala, até aqui, por ocasião da chegada do Geraldinho à Segunda Instância, no saudoso Tribunal de Alçada Criminal, o velho e amadíssimo TACrim, que passei - *não apenas eu, mas muitos dos aqui presentes, incluso nosso Presidente Nalini* - direta e indiretamente, uma das emoções maiores de minha vida, daí porque e por essa razão impossível olvidar-se daquele momento.

Veja-se.

Naquela solenidade, e aí é que mora a grande e gigantesca marca daquele evento, em gesto de profunda homenagem ao filho e a todos nós do Judiciário, coisa que ficará marcada para o fim dos dias de todos nós que estivemos presentes à solenidade, o Desembargador Nelson Pinheiro Franco, ele mesmo, em pessoa, impecavelmente vestido, como sempre, simplesmente saiu do Hospital onde então internado, exatamente isso, saiu da cama hospitalar, para comparecer àquela belíssima solenidade de empossamento do filho querido Geraldo, e ali permaneceu, olhos marejados durante todo o tempo, até o fim dela, para retornar ao Hospital no fim do dia.

Afinal, era a posse do filho mais novo, que lhe seguira os passos e chegara definitivamente e como titular à Segunda Instância.

Orgulho terrível do empossando, Geraldinho, orgulho indizível e imensurável de todos nós que assistimos aquela ação sem precedentes.

E certamente orgulho maior do pai, que via ali o coroamento da carreira do filho *temporão*.

Aquela solenidade, certamente, foi a última oficial a que compareceu o Desembargador, em sua vida.

E certamente a Providência a reservou para a despedida do grande e impoluto homem.

Felizes aqueles que se despedem da vida de forma tão gratificante, tão generosa e tão feliz, vendo o filho guindado a titular de uma Corte de Alçada, seguindo os passos do próprio pai, a quem amava tanto e que tantos exemplos passou.

Muito emocionado, o desembargador **Geraldo Pinheiro Franco** discursou em nome da família e agradeceu a presença de tantos colegas que lotaram o Salão do Júri.

Senhor Presidente JOSÉ RENATO NALINI, na pessoa de quem saúdo a todos os presentes, especialmente minha Amada Irmã, meus Irmãos, familiares e os queridos Amigos que nos honram com a presença.

Estamos aqui pela feliz e oportuna iniciativa de Vossa Excelência, senhor Presidente, que instituiu esse belíssimo Projeto de Memória Oral dentro das comemorações do Sesquicentenário do TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO, que se iniciam agora, revigorando a tradição de cultuar vultos da história do Judiciário Bandeirante.

Hoje é um daqueles dias que ficarão guardados na alma de todos familiares e amigos de NELSON PINHEIRO FRANCO, um homem simples, do interior, que chegou a esta magnífica cidade, ainda menino, com 8 anos, para ser interno no Colégio Arquidiocesano, à época na Luz, a fim de receber a educação que seus pais



entenderam melhor na sua formação. Aqui permaneceu enquanto estudava nas Arcadas, residindo bem próximo, aqui ao lado, na Rua da Glória.

Integrava uma grande família, seus Pais Galdino e Júlia, seus 14 irmãos, todos residindo no casarão da rua José Bonifácio (construído na segunda metade do século XVIII), no centro de Mogi das Cruzes, centro, aliás, que é o ponto inicial do povoamento daquela cidade no século XVI.

No prédio, construído em taipa de pilão, ainda está a imagem de Nossa Senhora da Lapa, com seus brincos de coral, que acompanha a família por mais de 200 anos. Uma belíssima imagem barroca, portuguesa, do século XVIII, que ficava instalada, originalmente, em um nicho localizado no canto externo da casa. Tanto que o beco lateral ao prédio tem o nome de “Beco da Lapa”. Com o tempo e por orientação da Igreja, a imagem foi recolhida e encontra-se num oratório ainda no mesmo casarão, hoje um museu.

Era motivo de orgulho a lembrança de que a família Pinheiro Franco esteve intimamente ligada à Revolução Constitucionalista de 1932. Fernando Pinheiro Franco, irmão mais jovem, partiu para a batalha como voluntário, tombando em combate. Sempre relembra a resposta dita por um soldado a um garotinho que lhe indagou se morriam muitos soldados paulistas: “O Paulista não morre, vive para a História”.

Nelson Pinheiro Franco, profundamente dedicado à história de Mogi e da família, tinha três grandes amores: A Família, sua Terra Natal e a Magistratura Bandeirante.

A notável oração do Desembargador LUIS SOARES DE MELLO NETO revelou os traços mais marcantes de NELSON PINHEIRO FRANCO, de um homem que dedicou sua vida ao Poder Judiciário.

Como disse, era um homem simples, sem preocupação com bens materiais, embora apreciase uma boa mesa e um bom vinho. Sempre se apresentava impecavelmente trajado, era exigente e comprometido com tudo. Mas daqueles homens que são exigentes consigo próprios. Nunca exigia do outro o que não podia fazer. Acolhia a todos, sempre, com um largo sorriso e estava sempre pronto para ouvir, aconselhar e abrigar. Era um homem justo. Nunca foi indiferente. Participava ativamente dos problemas da vida. Homem de seu tempo, não queria o direito desvinculado da realidade que o informa e explica. Caridoso, sempre infundiu a todos a sensação da religiosidade. Compreendia as dificuldades do ser humano. E nesse contexto, atuou decisivamente com Amigos e outros Magistrados, na edificação da Igreja de Santo Ivo (padroeiro dos juristas), no Largo da Batalha, no Jardim Luzitânia. Foi responsável, com minha mãe e meu irmão Antonio Celso, pelo crescimento do Lar Irmã Amália, creche localizada em Taubaté e que abriga centenas de crianças. Irmã Amália era a idealizadora da piedosa obra, uma Santa, verdadeiramente Santa, que apresentava em seu corpo estigmas das chagas de Jesus Cristo.

Era um homem espirituoso, de um humor fino, querido por todos, que adorava contar histórias deliciosas de sua vida; sua meninice; sua família; das Arcadas; da Mogi dos Bandeirantes; da passagem de Dom Pedro por lá rumo ao grito do Ipiranga; dos Irmãos que tanto amava. Falava sempre do Amor pelos Filhos e Netos e do orgulho das conquistas deles, quaisquer que fossem. Lembrava sempre da perda de sua Amada Maria Regina, que nos deixou tão cedo, ainda criança. Não havia um dia sequer, sabíamos, que não sentissem a saudade pronunciada da filha amada. Homem de cultura humanística privilegiada, Professor Emérito, poliglota autodidata. Leu e estudou, com prazer, durante toda sua vida. Passávamos horas a ouvi-lo.

Nelson Pinheiro Franco e nossa Mãe Amada, Maria Aparecida, Dona Cida como a chamavam, que nesse momento tão expressivo está representada por nossa Irmã Maria Aparecida, mulher doce, carinhosa e sábia, que certamente está aqui acompanhando a homenagem a quem tanto amou e por quem foi tanto amada, formaram a personalidade de cada um de nós, sempre voltada ao bem, a partir dos exemplos da força intelectual e espiritual de ambos e do incansável trabalho em prol do próximo.

Dizia ele, incontáveis vezes, que sem a perene compreensão da esposa, sua companheira inseparável,



seus sacrifícios e renúncias, sem o toque mágico de seus desvelos e o perfume do amor que ela soube espargir à sua volta, no lar doméstico, as pedras do caminho seriam certamente espinhos dolorosos a obstar a perseguição do ideal acalentado. E numa última despedida dela revelou a saudade daquele que espera, na vida futura, na Mansão Divina, estreitá-la junto ao coração.

Assinalava VIEIRA que “o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve”.

Em homenagem recebida em Mogi das Cruzes, em razão de sua posse nesta Corte, lá por 1976, pronunciou palavras da alma que hoje, pela minha boca, Ele certamente repete em tão tocante solenidade.

Ouçam Nelson Pinheiro Franco:

“Esta reunião não é um Tribunal.

Nela domina tão-só a simpatia, a graça e os vínculos de afeição. É um reencontro. Trago as mãos vazias como as do filho pródigo. Mas o que eu vos pude apresentar e já conheceis de antemão, sendo coisa mínima, de escasso valor, foi certamente o sensível propulsor dessa homenagem, que é a mais bela que recebi e tocou fundo o meu coração, acordando amáveis lembranças e doces emoções adormecidas. Ela não se explica senão pelo profundo afeto que eu nutro pela minha gente.

A única virtude do mogiano magistrado, que ora vos fala, está, como antes proclamei, na fidelidade à terra natal e à magistratura. Esse o título de glória que tenho por legítimo e ostento com jactância. O banquete da amizade, que me ofereceis, eu o recebo como prêmio a esse amor sem limites, que há de durar enquanto eu viver”.

E na despedida da Corte, ele assim se pronunciou:

“Às vésperas de minha aposentadoria compulsória, antecipo despedidas ao Tribunal. Meus pares saberão compreender a emoção de que me acho possuído. Tenho as raízes do meu ser arraigadas na Magistratura, a que servi durante 41 anos e mais serviria se não fosse a contingência constitucional. À sua feição se modelou minha personalidade. Sempre exerci as funções de juiz com o pensamento de que eu poderia estar na aflição expectante de quaisquer dos litigantes. Aprendi, no pragmatismo evangélico dessa concepção, a ver em todos os homens o meu próximo, amando-o como a mim mesmo ... A convivência com os colegas, a par da vida em família, foi o bem maior que Deus me concedeu. E esse ar puro, que nela eu respirei, essa fragrância em que eu vivo imerso, perfumará meus dias até a última despedida”.

Enfim Esse era Nelson Pinheiro Franco, a quem o orador da Corte, Desembargador LUIS SOARES DE MELLO NETO, tão bem retratou, com frases de inflexão carinhosa, recamadas de extrema bondade. Nelson Pinheiro Franco está sentindo, agora, uma vez mais, o timbre do irrestrito bem-querer de todos.

É hora de encerrar.

Mas antes não posso deixar de estender a reverência a quem Nelson Pinheiro Franco devotou amizade plena:

MILTON EVARISTO DOS SANTOS (seu irmão e seu grande amigo de todas horas, paradigma de homem e magistrado – Nelson foi juiz substituto de seu v. Pai, Juiz Getúlio Evaristo dos Santos);

PAULO BOMFIM (confidente e companheiro dileto; como amava as visitas a sua casa em Itanhaém; como respeitava a figura Maior de Carlos Magalhães Lebeis);

HERÁCLIDES BATALHA DE CAMARGO (seu irmão mogiano, com quem transpôs os portais da Velha Academia);

ANTONIO ALBERTO ALVES BARBOSA;



ANTONIO CARLOS ALVES BRAGA;

SIDNEY SANCHES (devotava profundo respeito ao jovem juiz que veio a se tornar Ministro da Corte Suprema e que desempenhou papel decisivo no mundo jurídico-político do País);

LUIZ AMBRA;

ANTONIO RODRIGUES PORTO;

ANDRADE JUNQUEIRA;

ADRIANO MARREY;

JOSÉ CARLOS FERREIRA DE OLIVEIRA;

GENTIL DO CARMO PINTO;

VIRGILIO LOPES DA SILVA, dentre muitos outros.

Deixei proposadamente para falar, por último, de um homem que ele admirava profundamente e por quem sempre teve acendrado respeito: LUIS SOARES DE MELLO JÚNIOR, um dos grandes expoentes desta Corte, que nos deixou um ano atrás.

Administrador de escol, assessorou no elevado cargo de Secretário Diretor Geral do Tribunal, nada menos do que 10 Presidentes, durante 15 anos, desde Euclides Custódio da Silveira até Young da Costa Manso, e sempre pela sua competência, pelo seu conhecimento amplo do direito e da administração, pelo seu alto padrão moral, pela lhaneza no trato que exornava seu caráter. Era Filho de um dos luminares da advocacia Luís Soares de Mello, e sobrinho do saudoso Desembargador José Soares de Mello, também catedrático das Arcadas.

A ele, hoje representado pelo Desembargador LUIS SOARES DE MELLO NETO, a reverência profunda de todos nós.

Os Familiares de NELSON PINHEIRO FRANCO nunca esquecerão, senhor Desembargador Presidente, senhor Desembargador SOARES DE MELLO, a amabilidade e a distinção conferida à sua memória.

Agradeço a presença de todos e a gentileza de me ouvirem.

O presidente do Tribunal de Justiça desembargador **José Renato Nalini** encerrou a cerimônia e destacou que Nelson Pinheiro Franco, assim como outros expoentes da Corte Bandeirante, são exemplos a serem seguidos num momento de crise pela qual passa o País. “Como é bom poder falar de alguém como Nelson Pinheiro Franco. Nos eventos da Agenda 150 Anos percebo que somos anões nos ombros dos gigantes que nos precederam. E não foram apenas homens eruditos e cultos, mas seres humanos excelentes”, concluiu.

Também prestigiaram a solenidade o vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli; o corregedor-geral, desembargador Hamilton Elliot Akel; o decano do TJSP, desembargador Sérgio Jacintho Guerrieri Rezende; o presidente da Seção de Direito Privado do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, desembargador Antonio Carlos Mathias Coltro; o vice-presidente do Tribunal de Justiça Militar de São Paulo, juiz Fernando Pereira, representando o presidente; o presidente da Academia Paulista de Magistrados, desembargador Renato de Salles Abreu Filho; o conselheiro federal Aloísio Lacerda Medeiros, representando o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção São Paulo; o diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, José Rogério Cruz e Tucci; o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência do TJSP, Ricardo Felício Scaff; a juíza assessora da Presidência do TJSP, Maria de Fatima Pereira da Costa e Silva; os juízes assessores da Presidência Criminal Eduardo Pereira Santos Junior, João Baptista Galhardo Júnior, José Augusto Genofre Martins e Vanessa





Strenger; o chefe da Assessoria Policial Militar do TJSP, cel PM Washington Luiz Gonçalves Pestana; o delegado chefe da Assessoria Policial Civil do TJSP, Fábio Augusto Pinto; o presidente do Instituto de Estudos de Protesto de Títulos do Brasil – seção São Paulo, José Carlos Alves; o presidente do Sindicato dos Notários e Registradores do Estado de São Paulo, Cláudio Marçal Freire; a representante da Arpen, Ana Paula Goyos Browne; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; os filhos do homenageado Luiz Fernando, Antonio Celso, José Roberto e Maria Aparecida; as noras Maria de Lourdes e Celina; os netos João Luiz, Luiz Olímpio, Roberta, Maria Regina, Fabiana, Joaquim e Regina; os bisnetos Lucca, Lana e Pedro; muitos desembargadores, juízes, advogados, promotores, servidores e amigos.

